

Bioética e Geografia: Aproximações acerca do território e da Bioética de Intervenção (BI) na formulação de uma epistemologia do Sul

Tomasini, Ana Júlia

Doutoranda na Cátedra Unesco de Bioética – Universidade de Brasília (UnB) - anaJulia.tomasini@gmail.com

Saraiva, Luis Augusto Ferreira

Doutorando na Cátedra Unesco de Bioética – Universidade de Brasília (UnB) - luisferrarafiles@gmail.com

PALAVRAS CHAVE: Território; Bioética; Bioética de Intervenção; colonialidade da vida.

Introdução: O processo de globalização vivenciado na modernidade mostra o aceleração das técnicas usadas tanto na ciência como nos saberes que se referem à vida, mas também revela um crescimento não acompanhando de uma moralidade ética comprometida com as desigualdades sociais e os dilemas relacionados a essa fase do capitalismo. A colonialidade da vida se mostra efetiva na instauração do padrão eurocêntrico do viver, no qual, quem se distancia desse padrão está à margem da sociedade, corroborando assim com a perpetuação da visão capitalista que corresponde aos interesses de dominação para sustentação de um modo de produção que legitima a exploração de uns e a acumulação de riqueza de outros. Assim, os campos do saber que estudam essas relações, bem como a Bioética e a Geografia, tem campos de atuação como a Bioética de Intervenção e o Território que podem ser importantes aliados para uma criação de uma epistemologia do sul decolonial.

Método: O método utilizado no presente trabalho foi de revisão bibliográfica da categoria espacial Território do geógrafo Milton Santos e da Bioética de Intervenção de Volnei Garrafa e seus colaboradores como, Wanderson Flor, Rita Segato. **Resultados:** Os resultados mostram uma aproximação do Território e da Bioética de Intervenção, por se posicionarem enquanto campo do saber anti-hegemônicos à moralidade e materialidade capitalista. **Conclusões:** O Território e a Bioética de Intervenção se mostram importantes aliados nas análises bioéticas por se constituírem a partir da perspectiva da importância da vivência dos indivíduos em seu território, essa vivência permite uma construção sobre a epistemologia do Sul, aonde a ciência seja pensada pelos pensadores, que considerem o nosso processo de formação de nação como um processo necessariamente opressor da vida, racista e heteronormativo donde precisamos entender que são vozes sufocadas e não ouvidas, histórias que não são contadas, pois só assim é possível se pensar em análises relevantes e comprometidas com a mudança social.

AGRADECIMENTOS. Agradecemos aos professores Milton Santos (*in memoriam*), Rita Segato, Wanderson Nascimento Flor e Volnei Garrafa, por nos permitirem uma reflexão voltada a produção do conhecimento anti-hegemonico, tão rico e tão necessário para a transformação social. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por permitir que possamos continuar a trabalhar, muito obrigada.

REFERÊNCIAS

- [1] SANTOS, M. Por uma outra Globalização, 2002 SANTOS, p.19, 2002.
- [2] NASCIMENTO, WF. Por uma vida descolonizada: diálogos entre a bioética de intervenção e os estudos sobre a colonialidade. 2010. 128 f. Tese (Doutorado em Bioética)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- [3] CARNEIRO AS. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Pg 43. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)
- [4] QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina Libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autonoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.
- [5] SEGATO, RL. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico decolonial, e-cadernos CES [Online], 18 | 2012, colocado online no dia 01 Dezembro 2012, URL: <http://eces.revues.org/1533> ; DOI : 10.4000/eces.1533